

TEXTO E DISCURSO: UMA ANÁLISE DAS INTERAÇÕES EM UM AMBIENTE DE ESCRITA COLABORATIVA

TEXT AND DISCOURSE: AN ANALYSIS OF INTERACTIONS IN AN ENVIRONMENT OF COLLABORATIVE WRITING

Luiz Antônio Ribeiro
Doutor em Linguística e Letras
Centro Federal de Educação Tecnológica-MG
(luiz.antonio.ribeiro32@gmail.com)

Aurélio Takao Vieira Kubo
Mestre em Estudos Linguísticos
Centro Federal de Educação Tecnológica-MG
(aureliokubo@gmail.com)

RESUMO: O objetivo desta pesquisa foi analisar as interações entre usuários engajados em uma escrita colaborativa de textos em um ambiente virtual. O *corpus* consistiu de um conjunto de textos acadêmicos em processo de edição no *Google Drive*, produzidos por alunos de graduação em uma escola da rede federal de ensino. Buscou-se investigar a ocorrência das interações, elucidando-se o seu funcionamento discursivo. O referencial teórico baseou-se nos pressupostos da linguística do texto e do discurso. Valeu-se do aporte teórico de Nascimento e Oliveira (2004), Beaugrande (1997), Benveniste (1989), Fauconnier e Turner (2002), Bolter (1991) e Pierre Lévy (1993), dentre outros. Nesse sentido, concebeu-se o texto como evento comunicativo e o processamento discursivo como toda ação de linguagem envolvida na produção de texto/sentido, ocorrida em um Domínio Único de Referência Integrado – ERB. A metodologia utilizada constituiu de uma abordagem qualitativa, com análise dedutiva dos dados. A pesquisa possibilitou compreender o processamento discursivo do texto em um ambiente de escrita colaborativa.

Palavras-chave: Espaços de referência. Processamento discursivo. Texto. Escrita colaborativa.

ABSTRACT: This research aims to analyze the interactions among the users engaged in a collaborative writing process in a virtual environment. The corpus consisted of a set of academic texts under edition on Google Drive, produced by undergraduate students at a federal school. The research focuses on the occurrence of interactions, in order to elucidate their discursive functioning. It was based on the theoretical references provided by Text and Discourse Linguistics. Specifically, this paper was based on the theories of Nascimento and Oliveira (2004), Beaugrande (1997), Benveniste (1989), Fauconnier and Turner (2002), Bolter (1991) and Pierre Lévy (1993), among others. Hence, text was conceived as a communicative event and the discursive processing as all language action involved in text / meaning production in a Single Domain of Integrated Reference - ERB. The methodology consisted of a qualitative approach and deductive analysis of data. This research allowed the comprehension of the discursive process in a collaborative writing environment.

Keywords: Referential spaces. Discourse processing. Text. Collaborative writing.

Introdução

Esta pesquisa versa sobre a interação entre usuários engajados em um projeto de escrita colaborativa por meio do *Google Drive*. Nosso interesse reside em investigar sobre como se implementam e se integram as diferentes vozes constituintes do processamento discursivo e textual em textos produzidos de forma colaborativa em um ambiente virtual. Objetivamos verificar a hipótese de que a implementação e articulação de espaços referenciais ocorre sempre no interior de um Espaço Referencial ERB, que compreende o Espaço da Realidade do falante/ouvinte. Nosso olhar concentra-se no processamento textual, ou seja, no texto em seu estágio de edição e nas interações realizadas entre os diferentes sujeitos participantes da escrita colaborativa por meio da ferramenta “comentários”. Tomamos como base autores cujo projeto investigativo se relaciona com discurso, texto, hipertexto e escrita colaborativa. Esta pesquisa se torna relevante uma vez que contribui para os estudos que tematizam a questão da interação em ambientes *online*.

Fundamentação teórico-metodológica

O processo de referenciação e a integração de espaços referenciais

Adotamos, como ponto de partida para a nossa reflexão, a afirmação de Benveniste (1995, p. 286), para quem “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’”. Tal assertiva traz à discussão questões relacionadas à subjetividade na linguagem e à constituição de instâncias de discurso (Instâncias de Enunciação):

A linguagem é, pois, a possibilidade da subjetividade, pelo fato de conter sempre as formas linguísticas apropriadas à sua expressão; e o discurso provoca a emergência da subjetividade, pelo fato de consistir de instâncias discretas. A linguagem de algum modo propõe formas “vazias” das quais cada locutor em exercício de discurso se apropria e as quais refere à sua pessoa, definindo ao mesmo tempo e a si mesmo como ‘eu’ e a um parceiro como ‘tu’. A instância de discurso é assim constitutiva de todas as coordenadas que definem o sujeito e das quais apenas designamos sumariamente as mais aparentes. (BENVENISTE, 1995, p. 289)

A referenciação caracteriza-se por sua singularidade: a instância de discurso referencia-se a partir de um “eu”, que se apresenta por meio de índices específicos produzidos e atualizados na e pela enunciação, ou seja, ela é um evento único definido num tempo e num espaço. As categorias de pessoa, tempo e espaço se articulam em um “sistema de referências internas” configurando, desse modo, a construção de instâncias de discurso. Esse espaço/tempo da enunciação, da instância de enunciação, como um todo, é o espaço que delimita a referência/referenciação.

Em “O Aparelho Formal da Enunciação”, Benveniste (1989) trata das condições básicas da capacidade de linguagem necessárias para que se dê a enunciação, que podem ser assim representadas: um locutor (L), que se institui como enunciador (E) e que postula a presença de um alocutário (A), coconstituído na e pela atividade linguística como enunciatário (Ea). Juntos, eles instanciam a referência (R) num tempo (T) e espaço (E) discursivos.

Estamos defendendo a hipótese de que toda Instância Enunciativa se configura como um Espaço Referencial, caracterizado como o Espaço Base, da realidade do falante (ERB); um Domínio de Referência Integrado Único em que, na relação enunciador/referência/enunciatário, processa-se a significação dos enunciados, como assevera Benveniste em “O Aparelho Formal da Enunciação” (1989). Emprestamos de Nascimento e Oliveira (2004, p. 290) o conceito de discursivização, que em termos operacionais pode ser assim especificado: “Discursivização (D): criação, numa, e única, instância enunciativa, de um espaço de referenciação X, que integre, recursivamente, numa rede, todos os espaços de referenciação instituídos no processo discursivo”.

Observe-se que os elementos sobre os quais a discursivização opera correspondem a instâncias enunciativas, articuladas sempre em único espaço de referenciação, que corresponde à IE0, ou ERB – Espaço Base da realidade do falante. Esse Espaço Base pode integrar, recursivamente, outros espaços de referenciação constituídos por outras instâncias enunciativas, o que nos permite afirmar que todo texto é polifônico. Também pode integrar espaços implementados por meio de verbos epistêmicos e por itens e/ou expressões lexicais como a conjunção ‘se’ e o operador discursivo ‘mas’, ambos introdutores de espaços

referenciais. Juntos, todos esses espaços constituem uma Rede de Espaços instituídos em um domínio de referência único.

Tal compreensão vai ao encontro do que postulam Fauconnier e Sweetser (1996, p. 11), para quem a criação de Espaços Mentais é uma operação constitutiva do processamento discursivo:

The basic idea is that, as we think and talk, mental spaces are set up, structured, and linked under pressure from grammar, context, and culture. The effect is to create a network of spaces through which we move as discourse unfolds.¹

Em sua teoria da mesclagem conceptual, Fauconnier e Turner (2002) afirmam que o significado emerge da coexistência e cooperação de, pelo menos, quatro espaços mentais distintos: dois ou mais espaços *input*, um espaço genérico e um espaço mescla. Para esses autores, “a projeção de espaços é um componente importante da construção imaginativa de uma rede” (FAUCONNIER & TURNER, 2002, p. 105), podendo a integração de espaços ser usada de forma recursiva como *input* para a implementação e integração de outra rede.

Em suma, na presente pesquisa estamos postulando que a configuração de instâncias enunciativas cria espaços de referenciação. A polifonia possibilita-nos identificar o processo por meio do qual se dá a constituição/integração de Instâncias de Enunciação, além de outros Espaços Referenciais constituídos no interior de uma Instância de Enunciação Zero (ERB). Assim compreendida a noção de processamento discursivo, discutiremos a seguir a noção de texto e de hipertexto, considerada a importância desses conceitos nesta pesquisa.

Texto, hipertexto e escrita colaborativa

Adotamos, na presente pesquisa, a concepção de texto como “um evento comunicativo no qual convergem ações sociais, cognitivas e linguísticas” (BEAUGRANDE, 1997). Explica o autor que o texto é “um sistema de conexões que inclui elementos tais como sons, palavras, significados, participantes do discurso, ações em um plano, etc.” Oliveira (2002, p. 4), partindo dessa noção de texto,

¹ Tradução nossa: A ideia básica é que, na medida em que nós pensamos e falamos, espaços mentais são criados, estruturados e ligados sob a pressão de gramática, contexto e cultura. O efeito é criar uma rede de espaços por meio dos quais nos movemos na medida em que o discurso se desenrola.

específica ação como sendo “a utilização de nosso conhecimento de mundo e de nossas habilidades cognitivas para controlar a produção de sentido a partir dos recursos linguísticos disponíveis”.

Tais definições nos possibilitam compreender o conceito de texto em seu aspecto tanto cognitivo como enunciativo. Elas dialogam com a compreensão de texto e contexto apresentada por Pierre Levy (1993), para quem o sentido desvela-se e é construído no contexto. A interação das palavras configura redes de significação transitórias em nossa mente: “Quando ouço uma palavra, isto ativa imediatamente em minha mente uma rede de outras palavras, de conceitos, de modelos, mas também de imagens, sons, odores, sensações proprioceptivas, lembranças, afetos, etc.” (LÉVY, 1993, p. 14). A palavra maçã, por exemplo, pode ativar uma rede de imagens e conceitos a partir de nós selecionados pelo contexto, que emergirão em nossa consciência. O contexto possibilita aos usuários da língua a ativação de uma vasta rede semântica, que se reconfigura em decorrência de novas informações e/ou interpretações. Para esse filósofo, cada palavra não somente transforma a rede semântica como também favorece a construção ou remodelagem da própria topologia da rede ou a composição de seus nós.

A assumpção de que a rede é um princípio organizador da mente e, portanto, da escrita, também pode ser encontrada em Bolter (1991), que assim se pronuncia a respeito do “novo diálogo”:

If linear and hierarchical structures dominate current writing, the computer now adds a third, the network as a visible and operative structure. The network as an organizing principle has been latent in all written texts, and Homeric oral poetry shows that the network is older than writing itself. Established by repetition in the minds of both the poet and the audience, the Homeric network contained all the mythological characters and their stories². (BOLTER, 1991, p. 106)

O autor vai além ao tratar da compressão – ou integração – de diferentes redes dentro de uma rede maior, o que configura o seu caráter polifônico:

² Tradução nossa: Se as estruturas lineares e hierárquicas dominam a escrita corrente, o computador agora adiciona um terceiro componente, a rede como uma estrutura visível e operativa. A rede como um princípio organizador tem sido latente em todos os textos escritos e a poesia oral homérica mostra que a rede é mais antiga que a própria escrita. Estabelecida pela repetição na mente tanto do poeta quanto do público, a rede homérica continha todos os personagens mitológicos e suas histórias.

After the invention of writing in the ancient world, it became the writer's task to establish his or her own network comprised of references and allusions within the text and connected to the larger network formed by other texts in the culture. From that time until the advent of electronic writing, the referential network has existed 'between the lines' of the text – that is, in the minds of readers and writers.³ (BOLTER, 1991, p. 106)

Essa compreensão de texto como rede aproxima-se da nossa discussão sobre a implementação e integração de espaços referenciais, de tal forma que a noção de texto e a de discurso se entrelaçam, principalmente no que tange ao seu caráter cognitivo, interacional e processual. Assim sendo, estamos assumindo a noção de texto / discurso como eventos intercomplementares, constituintes da cena enunciativa.

A afirmação de que o texto/discurso se processa em rede está na base conceitual de hipertexto. Segundo Pierre Lévy (1993), a comunicação ocorre por meio de uma rede hipertextual, que está em constante construção e renegociação. Interagimos por meio de uma rede de significados aberta, não linear, constituída de *links* interligados em uma série de remissões, relações, analogias e associações. Bolter (1991) destaca a importância do hipertexto como um novo espaço de escrita. A leitura e a escrita em hipertexto são atividades construtivas, pessoais, bem como socialmente construídas. Os participantes são incentivados a construir não um sentido fixo, mas vários sentidos, dado que o hipertexto é intertextual e colaborativo. Além disso, o hipertexto oferece a oportunidade de os usuários se engajarem em um ambiente de escrita colaborativa. Assim se define a escrita colaborativa:

Collaborative is any writing Collectively Performed by more than one person que is used to produce a single text; and we define writing as any activity que leads to a completed document, including brainstorming and idea generating, gathering research, planning and organizing, drafting, revision, and editing.⁴ (RICE & HUGULEY, 1994, p. 163-164)

³ Tradução nossa: Após a invenção da escrita no mundo antigo, tornou-se tarefa do escritor determinar a sua própria rede composta de referências e alusões dentro do texto e conectada à rede maior formada por outros textos na cultura. Desde essa época até o advento da escrita eletrônica, a rede referencial existiu "nas entrelinhas" do texto – isto é, nas mentes dos leitores e escritores.

⁴ Tradução nossa: Colaborativa é qualquer escrita executada coletivamente por mais de uma pessoa, na produção de um único texto; e escrita é qualquer atividade que resulta em um documento preenchido, incluindo brainstorming e ideia geradora, a qual reúne pesquisa, planejamento e organização, elaboração, revisão e edição.

Destacamos do conceito acima o caráter ativo e social da escrita colaborativa, visto que sua produção envolve uma equipe de pessoas, que podem advir de diferentes áreas de conhecimento e possuir perspectivas diferentes a respeito de um mesmo referente. Sob essa ótica, a escrita colaborativa é também interdisciplinar, pois transcende as fronteiras entre as áreas do conhecimento e os meios de transmiti-las, além de ofertar diferentes e simultâneos níveis de profundidade temática. Ganha relevo também o seu aspecto processual, já que a escrita colaborativa deve se apoiar em, pelo menos, três padrões de textualização: planejamento, elaboração do texto e revisão.

Uma atividade tão complexa requer o enfrentamento de diferentes desafios. Lowry, Curtis e Lowry (2004) destacam que, embora a escrita colaborativa seja dinâmica e frequentemente não linear, em seu processo de produção ela ainda segue geralmente uma progressão linear: existe um ponto de partida e outro de chegada. Entretanto é difícil predizer o que acontece nesse intervalo. Os objetivos, estratégias e papéis dos participantes de escrita colaborativa mudam de um projeto para outro. A complexidade desse processo deve considerar as múltiplas estratégias de escrita, atividades de escrita, formas de controle dos documentos, papéis dos participantes e processos de trabalho. Acrescentamos a essas questões que o trabalho com o hipertexto demanda reflexão sobre processos de leitura e de escrita, relacionados, por exemplo, a fatores de textualização (coesão, coerência, relevância...), às condições de produção de discurso e ao modo de constituição e funcionamento de gêneros textuais. Tais assuntos de ordem cognitiva e referencial, embora não sejam tratados nesta pesquisa, merecem ser estudados.

Nesta seção, buscamos refletir sobre os conceitos de texto, hipertexto e de escrita colaborativa. Tais conceitos aliados aos de referenciação e discurso nos ajudarão a compreender a interação entre os usuários engajados em uma produção colaborativa de textos, conforme discorreremos na metodologia a seguir.

Metodologia do trabalho

Passemos, a seguir, à apresentação e discussão dos pressupostos teórico-metodológicos adotados para especificação de um modelo de processamento discursivo que evidencie as interações entre os participantes de uma produção coletiva de textos em um ambiente de escrita colaborativa. Partimos da tese de que

a produção do texto/discurso em um ambiente de escrita colaborativa se processa a partir do intercâmbio entre diferentes sujeitos que se alternam na relação entre o eu e o tu em um tempo e espaço enunciativos, constituindo, assim, uma rede de espaços referenciais.

Nosso objeto de pesquisa centra-se na análise das interações entre os participantes de uma sequência didática de escrita colaborativa. A pergunta-chave que norteia este projeto é a seguinte: como se processam as interações entre os participantes de uma produção coletiva de textos em um ambiente de escrita colaborativa?

O objetivo geral é verificar a hipótese aventada, de que o processamento discursivo/textual consiste na criação de um espaço de referência, uma instância enunciativa, no interior do qual se implementam e se integram outros espaços referenciais, constituídos ou não por outras instâncias enunciativas, configurados em um domínio único de referência integrado. Como objetivos específicos, destacamos: a) explicitar os pressupostos teórico-metodológicos que constituem um quadro de referência teórico, o qual nos permita analisar como ocorrem as interações entre participantes engajados em uma produção de textos em um ambiente de escrita colaborativa; b) coletar e analisar o *corpus*, de modo a monitorar as interações entre os participantes da produção coletiva de texto em uma plataforma de escrita colaborativa; c) apresentar o funcionamento do modelo de processamento discursivo adotado, a partir do *corpus* analisado, de modo a comprovar, ou não, a hipótese levantada.

O *corpus* se constituiu de textos acadêmicos (fichamento e resenha crítica) analisados ainda em seu processo de edição no *Google Drive*, produzidos por alunos do primeiro período do curso de Bacharelado em Engenharia da Computação de uma escola da rede federal de ensino. Ao todo, analisamos as interações que versavam sobre reflexões epilingüísticas relativas a 32 (trinta e dois) textos de um total 128 (cento e vinte e oito) textos em processo de edição. As considerações presentes neste artigo recaem especificamente sobre as interações que se apresentam às margens do espaço reservado à edição do texto, propiciada pelo uso da ferramenta “comentários”. Esta pesquisa possui caráter qualitativo, com enfoque dedutivo para análise dos dados.

O *Google Drive* é um pacote composto por quatro aplicativos principais – editor de textos, editor de planilhas, editor de apresentações e editor de formulários – os quais possibilitam aos usuários criar e editar textos *online* de forma colaborativa e compartilhada. A escolha desse aplicativo se deve ao fato de que, como ferramenta pedagógica, o *Google Drive* potencializa o processo de ensino e aprendizagem, uma vez que oportuniza aos interagentes a participação ativa nos processos de produção a produção de texto desde a sua gênese até a edição final. Nesse contexto, cumpre ao professor atuar como mediador na construção do conhecimento, bem como no desenvolvimento de habilidades e estratégias para uma interação em um contexto social.

A pesquisa apresentada é um recorte teórico-metodológico de um trabalho mais abrangente, que pretende contribuir para uma melhor compreensão das interações ocorridas entre diferentes usuários engajados em uma produção coletiva de texto em um ambiente de escrita colaborativa, observadas as competências textuais que eles já dominam ou precisam desenvolver.

Análise dos dados

Nesta pesquisa, discorreremos sobre as operações de referenciação responsáveis por gerir o mecanismo da referência durante o processamento discursivo-textual instaurado e implementado no *Google Drive*, um ambiente de escrita colaborativa. Por meio da ferramenta “comentários”, os participantes foram motivados a refletir sobre os textos em construção no próprio ambiente de escrita colaborativa e efetivar nestes as alterações necessárias e/ou recomendadas. Destaca-se o caráter hipertextual das interações, uma vez que um texto ou parte deste pode ser acessado por meio de *links* onde são inseridos os comentários. Tal recurso favorece a mobilidade, a não linearidade e um espaço de reflexão e construção contínuas.

A pesquisa foi realizada considerando-se o planejamento de ensino e a atuação pedagógica do professor de português no curso de Bacharelado em Engenharia da Computação de uma escola da rede federal de ensino. Foi solicitada aos alunos a leitura do livro “As tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática”, de Pierre Lévy, que serviria como referencial para que eles elaborassem em equipe um fichamento e uma resenha crítica do mesmo, usando o

ambiente de escrita colaborativa. A edição do texto e as interações entre os participantes ocorreram de forma assíncrona na plataforma *Google Drive*, observadas as datas previamente estabelecidas para a execução da tarefa. As interações processadas por meio da ferramenta “comentários” aparecem ao lado do texto que está sendo editado, conforme se pode observar na seguinte figura:

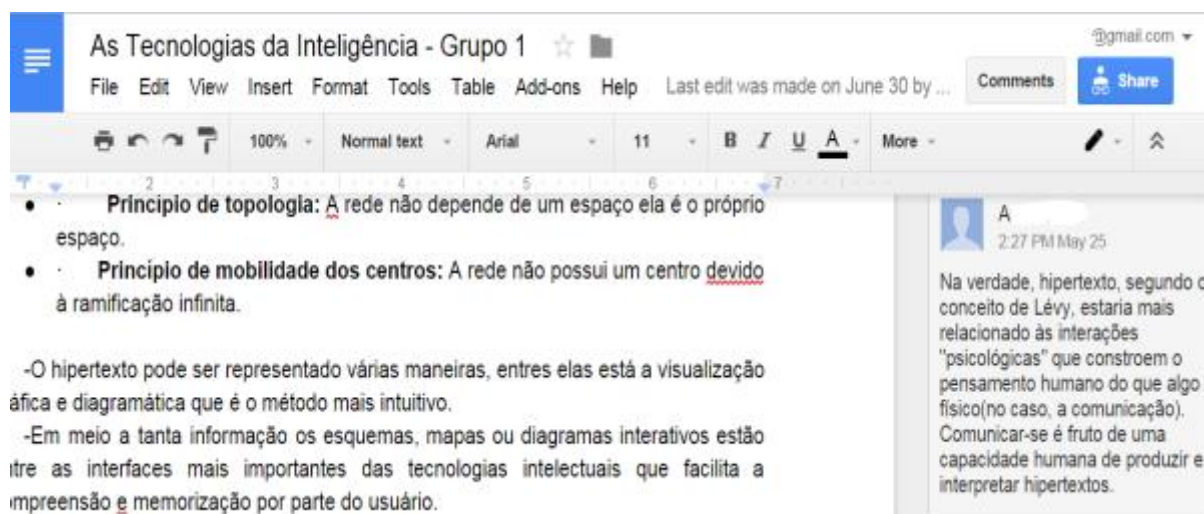


Figura 1: Plataforma *Google Drive* de escrita colaborativa
Fonte: *corpus* da pesquisa gerado no *Google Drive*⁵

O processo de referência configura-se pelas interações realizadas entre os pares dialógicos “eu-tu”, no aqui-agora enunciativos. Cada voz – ou Instância de Enunciação – que se instaura no jogo interlocutivo vem introduzida pelo nome do participante, podendo ainda ser identificada por uma foto ou ícone por meio do qual ele se apresenta. Como o texto em edição e a reflexão sobre o mesmo apresentam-se lado a lado, os participantes têm a oportunidade de assinalar e verificar *in loco* problemas de textualização e apresentar sugestões ou novos encaminhamentos para as questões que se apresentam.

As interações foram motivadas com o propósito de que os usuários refletissem sobre o processo de produção textual. Nesse sentido, é importante destacar com Faraco (2014) que “um texto escrito qualquer pode ser apreciado a partir de, pelo menos, quatro planos articulados: o plano interacional, o plano textual,

⁵ Para efeito de preservação da identidade dos participantes, apagamos os seus nomes e imagens que possam identificá-los.

o plano gramatical e o plano gráfico”. O plano interacional diz respeito à prática de escrita no interior das esferas sociointeracionais e envolve os elementos que condicionam a produção, tais como o contexto da enunciação, participantes do processo comunicativo, a temática abordada e a finalidade comunicativa. O plano textual refere-se à construção do texto propriamente dito e exige atenção especial para os fatores relacionados à coerência e coesão. O plano gramatical está relacionado à construção das sentenças e dos períodos de acordo com as características morfossintáticas da variedade linguística exigida.

As interações foram agrupadas nas seguintes categorias: entre professor e alunos; entre o aluno e os seus pares; entre professor-aluno e aluno-par; entre professor, alunos e o objeto de aprendizagem. Apresentamos, a seguir, algumas ocorrências dessas interações, seguidas de uma análise qualitativa das mesmas:

a) Interação entre professor e alunos:

Trecho do texto produzido	<p>Assim como o hipertexto, a informática foi sendo construída progressivamente a partir de informações que se relacionavam. Antes de mais nada, é uma tecnologia instantânea. É feita de modificações constantes de acordo com as necessidades e intenções dos indivíduos que a constroem. Preocupa-se com a otimização dos processos. É também, herdada principalmente do conhecimento dos antepassados. “Nossa herança permanece. O que muda é nosso jeito de pensar”(LÉVY,1993).</p> <p>Além disto diz que para auxiliar o fraco raciocínio humano de memória de curto prazo são necessárias tecnologias intelectuais, como lápis e papel, na elaboração de uma lista. Deve-se deixar de lado a distinção clara entre subjetividade e objetividade, pois destas emergem de processos locais e transitórios, e que por isso proclamam o fim da metafísica.</p> <p>Posteriormente, introduz a noção de interface, remetendo às operações de tradução, estabelecimento e contato entre meios heterogêneos; na qual a interface seria a operadora da passagem, transmissão de uma mensagem.</p> <p>Com o intuito de deixar tudo muito mais claro para o leitor, Lévy abusa nos exemplos. É extenso ao exemplificar assuntos por vezes superficiais, o que faz com que o público alvo se restringe no decorrer das páginas em virtude tanto do conteúdo dos exemplos quanto na linguagem e forma de narração densa e lenta, prezando mais (...)</p>
L	Dentre outros problemas já apresentados, destacam-se: apreciações e conclusões repetidas ao longo do texto e, portanto, fora da ordem convencional; mistura entre resumo e apreciações, sem a devida sinalização ao leitor; e cópias sem as devidas citações.
AL	Realmente misturam-se apreciações com resumos, afinal, os parágrafos introdutórios devem ter várias vozes. Contudo, acredito que não há textos de "cópias" sem citações. Reanalisei o texto e não identifiquei falta de citações

(apenas o caso de esquematização errada)
--

Tabela 1: Interação entre professor e alunos (1)
Fonte: *corpus* da pesquisa gerado no *Google Drive*

Nessa interação, o professor faz uma intervenção relacionada à organização e ao funcionamento do gênero textual resenha crítica. Em sua réplica, o aluno avalia a escrita e manifesta seu ponto de vista, ora concordando, ora refutando a argumentação do professor.

Trecho do texto produzido	<p>2- O Hipertexto</p> <ul style="list-style-type: none"> • Um hipertexto é um tipo de programa para a organização de conhecimentos ou dados, a aquisição de informações e a comunicação. • É um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou parte de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem ser hipertextos. • A idéia de hipertexto foi anunciada pela primeira vez por Vannevar Bush em 1945, em um célebre artigo intitulado de “As we may think”. • Theodore Nelson, inventou o termo hipertexto para exprimir a idéia de escrita/ leitura não linear em um sistema de informática. • Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou parte de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem ser hipertextos. • Funcionalmente, um hipertexto é um tipo de programa para a organização de conhecimentos ou dados, a aquisição de informações e a comunicação. • //O hipertexto não é linear porque, como acontece com nossa mente, a cada nova informação adquirida o sentido inicial de que determinada informação nos tinha pode mudar.//
L	Todo o histórico apresentado sobre o hipertexto representa uma ideia secundária e não faz muito sentido no fichamento. A ideia central deste capítulo consiste na definição de hipertexto. Apresente-a somente.
AP	Acredito que os dois primeiros tópicos são suficientes para a definição, estou certa?

Tabela 2: Interação entre professor e alunos (2)
Fonte: *corpus* da pesquisa gerado no *Google Drive*

Nessa intervenção, o aluno não só aceita as orientações do professor, como se mostra engajado em melhorar a redação do texto. Para isso, interage com o professor no sentido de reafirmar um conhecimento.

b) Interação entre o aluno e os seus pares:

Trecho do texto	Podemos citar como avanço da linguagem a interface, que seria uma linguagem maquina-usuário, uma linguagem que traduz a linguagem do computador para uma linguagem que seja amigável para quem esta usufruindo do programa. (...)
-----------------	---

produzido	Levy, também da uma ênfase maior ao que acontece no tempo atual. Ele faz uma comparação entre a escrita e o “mundo computacional”. Ele acredita que cada vez mais a escrita de livros, revistas, etc.; tem sido substituída pelo mundo virtual. E cria uma idéia cada vez mais forte da substituição da teoria pela simulação através da computação.
LO	Delete: “Podemos”
LO	Não pode usara primeira pessoa nunca.
LO	este paragrafo tamb esta usando uma ideia ja descrita, tente juntar em um msm paragrafo
MA	como não ? esse é um comentário l... ta excluindo toda minha parte do trabalho, calma cara, vamos consertar juntos

Tabela 3: Interação entre o aluno e seus pares
Fonte: *corpus* da pesquisa gerado no *Google Drive*

Nessa interação, um aluno toma para si a função de orientar a refacção textual, a partir dos seus conhecimentos empíricos sobre a linguagem. Entretanto o seu interlocutor questiona as intervenções propostas e procura negociar com o colega na tentativa de buscarem um consenso. É interessante observar que, no momento da interação, os participantes fazem uso da linguagem coloquial e de abreviação das palavras, recursos linguísticos apropriados para a interação *online*. Entretanto parecem compreender que a linguagem de um texto acadêmico possui outra forma de convenção, que deve ser respeitada para seu bom funcionamento sociocomunicativo.

c) Interação entre professor-aluno e aluno-pares:

Trecho do texto produzido	As Tecnologias da Inteligência LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência: O futuro do pensamento na era da informática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. O autor nasceu na Tunísia, antiga colônia francesa, dia 2 de julho de 1956. Terminou seu mestrado em História da Ciência, na Universidade de Sorbonne em Paris. Torna-se famoso a partir de 1994, quando difunde sua tese sobre a “árvore de conhecimento”. Hoje, Pierre assume como titular da cadeira de pesquisa em inteligência coletiva, na Universidade de Ottawa, Canadá.
L	Como você está introduzindo seu texto, comece com o nome do autor.
GM	É a apresentação do autor da obra
CPJ	Marked as resolved

CPJ	Re-opened A tudo bem, pelo o que entendi é de quem tá fazendo a resenha, mas deixa assim mesmo.
-----	--

Tabela 4: Interação entre professor-aluno e aluno-pares
Fonte: *corpus* da pesquisa gerado no *Google Drive*

Nessa interação, o professor propõe uma correção, mas esta não foi bem entendida por um dos participantes, que faz uma correção indevida. Isso abre margem para que outro aluno interaja com seu par e proponha nova correção. A réplica do seu colega evidencia a sua dúvida.

d) Interação entre professor, alunos e o texto em edição:

Trecho do texto produzido	Um dos conceitos relacionados ao estudo de Lévy é o de fato social, defendido por Émile Durkheim em seu livro "As regras do método sociológico". Define-se: [...] É fato social toda maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou ainda, toda maneira de fazer que é geral na extensão de uma sociedade dada e, ao mesmo tempo, possui uma existência própria, independente de suas manifestações individuais.[...](DURKHEIM,1895) Referências DURKHEIM, Émile. "The Rules of Sociological Method". trad. W.D. Halls. The Free Press, 1982. p.3-13, 45.
L	A citação apresenta a data de 1895. Já a referência traz a data de 1892. A propósito, vocês leram a obra em inglês? Como se faz uma citação em língua estrangeira?
AL	As páginas lidas foram sim em inglês. Realmente me esqueci da expressão "tradução nossa" ao fim da citação. São tantos detalhes que às vezes alguns passam despercebidos. [...]
AL	Além de que, na própria resenha ressaltamos o caráter mais sociológico e filosófico do livro de Lévy do que propriamente tecnologia. É praticamente impossível falar sobre Lévy sem deixar de citar outros sociólogos e filósofos.

Tabela 5: Interação entre professor, alunos e o texto em edição
Fonte: *corpus* da pesquisa gerado no *Google Drive*

Nesse exemplo, professor e aluno discutem a respeito da organização formal e conceitual do gênero resenha crítica. É evidente que todos os exemplos apresentados anteriormente a esse refletem a interação com o objeto de aprendizagem. Afinal, a produção de um fichamento e de uma resenha crítica exige dos participantes não só a leitura do texto-fonte como também a mobilização de conhecimentos responsáveis pela textualização dos gêneros acadêmicos.

Queremos destacar no exemplo acima a inserção de outras vozes no texto, que funcionam como argumentos de autoridade e evidenciam o seu caráter polifônico. A produção textual, como se pode observar, exigiu pesquisa de outras referências relacionadas, inclusive, a outras esferas de conhecimento; sistematização de ideias e correlação destas com as exploradas no texto a ser fichado e resenhado.

Por fim, é importante destacar que nem todas as interações se manifestaram de forma tão explícitas, como a apresentação de um par dialógico do tipo pergunta-resposta. Em várias situações, por exemplo, os alunos acataram as orientações do professor e procedem à correção do texto. A marca da interação evidencia-se, portanto, com a tomada de decisão.

Resultados

A presente pesquisa buscou investigar como se constitui o processo de interação entre os sujeitos em um ambiente de escrita colaborativa. Defendemos a hipótese de que o discurso resulta da implementação e integração de espaços de referência, configurados em um domínio único de referência integrado, o Espaço-Base (ERB). Apresentamos, a partir de Benveniste (1989), as condições essenciais para que se dê a enunciação, expressas na relação dialógica entre os sujeitos eu-tu, que instanciam a referência em um espaço e um tempo, designados como o aqui e o agora discursivos.

Centramos nossa análise no diálogo estabelecido pelos interagentes, por meio da ferramenta “comentários”, a respeito do texto em processo de produção. A alteridade entre os falantes determina a dinâmica da interlocução, sendo que se pode observar maior ou menor troca de papéis entre locutor e alocutário em cada uma das interações analisadas. O *Google Drive* favorece a constituição de uma abordagem comunicativa caracterizada pela interatividade/dialogicidade: professor e alunos exploram ideias, formulam perguntas, apresentam e levam em conta diferentes pontos de vista. Entretanto, observa-se o predomínio da voz do professor como o responsável por mediar a construção do conhecimento e orientar os alunos na produção do texto. Nesse caso, o discurso de autoridade prevalece no espaço da interação.

Em todas as interações, o professor instaura o processo enunciativo, posicionando-se como locutor/enunciador e postulando os alunos como o seu

alocutário/enunciatário. Implementa-se, desse modo, uma rede de espaços referenciais caracterizada pela relação eu-tu no aqui-agora enunciativos. O professor assume o papel de orientar o processo de produção do texto por meio de *feedback*, que possibilita aos demais participantes a revisão de sua escrita. A análise das interações nos permite observar que o professor atua como um mediador, que proporciona a reflexão sobre o texto, faz encaminhamentos e propõe ações conjuntas, que possam favorecer a solução de problemas e a promoção da aprendizagem.

A voz do professor encontra ressonância na participação dos alunos, que se alternam na posição de locutor e de alocutário. Ao tomar da palavra, o aluno postula para si o estatuto de “eu”, e o de “tu” para o professor e os demais colegas com quem interage. Sua atuação vai além de promover, no texto, as correções propostas. Ele participa ativamente do processo de revisão textual, questiona seus pares e o professor, auxilia o colega em suas dúvidas bem como oferece soluções para eventuais problemas relativos ao texto que está sendo produzido. Zamel (1982) destaca a importância do *feedback* entre os pares, observando que o professor não é o único leitor para quem escrevemos e que as intervenções da audiência podem contribuir sobremaneira para a melhoria do texto. Acresça-se a isso a oportunidade que os alunos têm de, coletivamente, construir significados bem como de desenvolver o raciocínio crítico.

Benveniste (1989, p. 84) chama a atenção para a presença do referente como parte integrante da enunciação, ou seja, a língua é empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. O discurso possibilita essa relação, seja entre os locutores, seja entre estes e a referência. Em nossa análise, a referência evidencia-se como o texto em processo de produção de forma colaborativa. A reflexão sobre o texto em construção deixa evidente que a escrita colaborativa mantém o foco no processo. A discussão por meio da ferramenta “comentários” possibilitou que os participantes refletissem sobre fatores relacionados à geração e à organização das ideias, à constituição e funcionamento dos gêneros textuais, aos fatores da textualização, à adequação da linguagem e à avaliação e revisão do texto. Ao se posicionarem sobre a escrita, os interagentes produziram sentidos, contribuíram para o desenvolvimento do texto e deixaram suas marcas

enquanto leitores-produtores do texto. Todo esse processo traz à tona o caráter sociocognitivo exigido na e pela atividade de produção de texto.

Benveniste (1989) observa que o homem se insere na língua sob a condição da intersubjetividade, que ocorre numa dimensão espaciotemporal, compreendida como o aqui-agora da enunciação. O ato enunciativo se realiza no tempo presente, pois este é o único recurso de que o homem dispõe para experienciar o “agora” na instauração do discurso. Cada instância de enunciação engendrada na interação ocorrida no ambiente da escrita colaborativa provoca uma alteração na rede de espaços referenciais e atualiza o discurso no seu tempo presente.

A noção de espaço que aqui se apresenta não é a de um espaço físico, delimitado geograficamente, mas o próprio espaço da interação, polifônica e hipertextualmente configurado. Bolter (1991) explora a relação entre texto e mente, e concebe a atividade de escrever como sendo uma forma de agir do pensamento. Os participantes da escrita colaborativa, ao se inserirem no discurso, instauram esse espaço cognitivo, no interior do qual eles debatem, propõem novas ideias, questionam decisões, negociam sentidos. Conforme assevera Johnson-Eilola (1992), o hipertexto é um meio em que a resistência à interação com o texto é impossível. Os estudantes não podem resistir à interconexão, porque a escrita deles, ainda que expresse discordância com as ideias do texto original, é necessariamente uma porção do novo texto. Assim, o espaço da escrita colaborativa, hipertextualmente configurado, possibilitou aos participantes localizar e selecionar informações, produzir sentidos, estabelecer relações lógico-discursivas, bem como participar da escrita e reescrita de textos acadêmicos.

Em suma, a presente análise pretendeu confirmar a hipótese aventada de que o texto/discurso construído de forma interativa em um ambiente de escrita colaborativa configura-se a partir de uma instância enunciativa, o espaço ERB no interior do qual se implementam e se integram outros espaços referenciais, constituídos ou não por outras instâncias de enunciação. A discursivização é resultante da relação entre o eu-tu e da reversibilidade entre essas duas pessoas do discurso, num espaço e tempo discursivos considerados o aqui-agora da enunciação. Forma-se, desse modo, uma única rede de espaços referenciais, que constitui um Domínio Único de Referência Integrado/r – ERB.

Considerações finais

A referenciação neste trabalho foi compreendida como um processo que se constitui no curso da interação verbal, a partir das operações linguístico-discursivas efetuadas pelos sujeitos instanciados na relação eu/tu, em um tempo e espaço discursivos. Admitimos que todo texto/discurso constitui-se, sempre, de um único Espaço Referencial Integrado/r (ERB), resultante das operações responsáveis pela sua própria construção, ou seja, resultante da integração de/com os demais espaços. Buscamos conceituar hipertexto, destacando o seu aspecto cognitivo e sociointerativo e suas implicações para o trabalho com o texto, em especial para a escrita colaborativa.

A construção desse referencial teórico foi importante para que respondêssemos nossa pergunta inicial sobre como se processam as interações entre os participantes de uma produção coletiva de textos em um ambiente de escrita colaborativa. Nossa análise incidiu sobre as interações ocorridas à margem do texto em processo de produção na plataforma *Google Drive*. Por meio da ferramenta “comentários”, professor e um grupo de alunos interagiam com vistas a refletir sobre a facção textual. Tal atividade nos permitiu compreender melhor o caráter processual do texto, no que diz respeito ao seu processamento discursivo. As interações contribuem para favorecer a compreensão de quais competências textuais os alunos já desenvolveram e quais ainda precisam desenvolver para melhor desempenho das habilidades de leitura e escrita, uma vez que lhes dão o direito à fala e à manifestação do seu conhecimento. A pesquisa abre, assim, espaço para novos encaminhamentos que envolvam a interação entre professor e alunos em um ambiente de escrita colaborativa, no qual estes discutem *in loco* questões relacionadas à argumentação e aos fatores de textualização como a construção da coesão e da coerência.

Referências

BEAUGRANDE, R. **New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and the freedom of access to knowledge and society.** Norwood: Ablex Publishing Corporation, 1997.

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral II.** Campinas: Pontes, 1989.

BOLTER, J. D. **Writing Space**: the computer, hypertext, and the history of writing. Hillsdale, N.J., Lawrence Erlbaum Associates, 1991.

FARACO, C. A. **A produção textual de um estudante ao final do ensino médio**. Encontro de Supervisores de Avaliação de Redações. Brasília: DAEB/INEP, 2014.

FAUCONNIER, G.; SWEETSER, E. **Spaces, world's, and grammar**. Chicago: The University Chicago Press, 1996.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **The way we think**: conceptual blending and the mind's hidden complexities. New York: Basic Books, 2002.

JOHNSON-EILOLA, J. Structure & text: writing space & storyspace. **Computers and Composition** 9(2), April 1992, p. 95-129. Disponível em http://computersandcomposition.candcblog.org/archives/v9/9_2_html/9_2_7_Johnson.html. Acesso em 19 out. 2015.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Brasil: Editora 34, 1993.

LOWRY, P.; CURTIS, A.; LOWRY, M. 2004. Building a taxonomy and nomenclature of collaborative writing to improve interdisciplinary research and practice. **Journal of Business Communication**, 41(1):66-99. Disponível em: <http://job.sagepub.com/cgi/reprint/41/1/66>. Acesso em: 19 out. 2015.

NASCIMENTO, M.; OLIVEIRA, M. A. Texto e hipertexto: referência e rede no processamento discursivo. In: NEGRI, L.; FOLTRAN, M.; OLIVEIRA, R. P. (Orgs.). **Sentido e significação**: em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004. p. 285-303.

OLIVEIRA, M. A. **A Sátira (Menipéia)**: ruído na rede ou rede-ruído? Texto apresentado no VIII Congresso Internacional da ABRALIC, Belo Horizonte-MG, 2002.

RICE, R. P., & HUGULEY, J. T., JR. Describing collaborative forms: a profile of the team-writing process. **IEEE Transactions on Professional Communication**, 37(3), 1994, p. 163-170.

ZAMEL, V. Writing: the process of discovering meaning. **TESOL Quarterly**, v.16, n.2, 1982, p. 195-209.

Recebido em 19 de fevereiro de 2016

Aceito em 02 de maio de 2016